

CONTOS DE FADAS PROMOVENDO O LETRAMENTO LITERÁRIO

Andréia Batista Lopes
Graduanda do 7º período do curso de Letras – FAPAM
E-mail: deialopes658@gmail.com

Letícia Fátima Lima de Oliveira
Graduanda do 7º período do curso de Letras – FAPAM
E-mail: leticiafatimalo@gmail.com

Profa. Dra. Ana Paula Ferreira
Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC-SP
E-mail: paulaferreira03@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo abordará a temática dos contos de fadas e sua contribuição para o desenvolvimento do letramento literário no Ensino Fundamental II, especificamente no 6º e no 7º anos. Para tanto, serão retomados os princípios e as características desses contos, e questões importantes do letramento literário. Serão empregados como referenciais teóricos obras de Rildo Cosson e Magda Soares, bem como os PCNs e os descritores sugeridos pelo MEC para o trabalho com Língua Portuguesa. Os contos escolhidos para estudo são “A viúva e suas duas filhas”, de Charles Perrault, e “A colina dos elfos”, de Hans Christian Andersen. A partir das reflexões e das pesquisas feitas, será sugerida uma atividade em que o educador pode contribuir para o aprimoramento do letramento literário de seus alunos.

Palavras-chave: Contos de fadas – figuras de linguagem – gêneros literários – letramento literário.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo de sua vida escolar, o sujeito desenvolve uma série de habilidades ligadas à leitura, desde as mais básicas e que supõem apenas a decodificação mecânica até as mais complexas ligadas à capacidade de lidar com o “não dito” de um texto, aquilo que não é declarado, mas que pode ser compreendido.

Ao ingressar na segunda fase do Ensino Fundamental, o aluno já domina as condições básicas de acesso à decodificação e também já é capaz de realizar a leitura de textos de linguagem simples com entendimento e fluência. Porém, ainda lhe falta aprimorar o entendimento de estruturas em torno da linguagem literária, sendo vários os procedimentos da literariedade ainda não dominados, como figuras de linguagem ou mesmo o maior entendimento acerca do simbólico.

Assim, é papel da escola continuar o trabalho com o letramento, agora a partir da literariedade dos textos, para que o aluno vá se aprofundando no entendimento dos textos que lê e também para que a sua leitura seja cada vez mais crítica.

O presente trabalho investiga como os elementos dos contos de fadas podem fomentar o letramento literário. Para isso, serão utilizados como referenciais teóricos obras de Rildo Cosson e Magda Soares, bem como os PCNs e os descritores sugeridos pelo MEC para o trabalho com Língua Portuguesa.

Ressalta-se que o objetivo do estudo é a reflexão sobre a possibilidade de os alunos do 6º e do 7º anos do Ensino Fundamental conseguirem ampliar seu letramento literário, ao lerem os contos de fadas, e, sobretudo, ao serem orientados pelo professor por meio de determinadas atividades pedagógicas.

Para um bom desenvolvimento do estudo, após as informações definidas e discutidas ao longo do trabalho, será sugerida uma proposta de intervenção a ser feita pelo educador para, assim, fomentar o desenvolvimento das habilidades de leitura de seus alunos.

Os autores dos contos escolhidos para estudo são Charles Perrault e Hans Christian Andersen, e seus contos, “A viúva e suas duas filhas” e “A colina dos elfos”, respectivamente.

2. GÊNEROS LITERÁRIOS

Os gêneros literários são conhecidos por meio de suas estruturas, podendo se apresentar como narrativos, líricos, épicos e dramáticos, tendo, nas origens de sua teorização, pontos ainda importantes para a atualidade. Segundo Tavares (1996, p.109), o estudo dos gêneros literários entre os antigos foi de fundamental interesse, sendo muitos os escritores envolvidos, entre eles Platão, Aristóteles, Horácio e Quintiliano.

Na Idade Média, a teoria dos gêneros não foi de muita relevância, como mostra Tavares, “já na Idade Média, o interesse arrefeceu, quase nada se cogitou sobre a questão, a não ser alguns tratados esparsos e de pesquisas foram relacionados com a poética dos trovadores”. (TAVARES, 1996, p. 109)

Entretanto, no Renascimento, na divisão dos textos em grupos específicos para estudos, voltam a ser usadas as formas que eram consideradas na Antiguidade, pois, enfatizando a ideologia defendida no passado clássico, assumiu-se nos textos uma posição normativa, contribuindo para a continuidade do processo de evolução da teoria dos gêneros.

A partir do século XIX, o estudo dos gêneros assume novas perspectivas. E inúmeros foram os autores que se ocuparam da matéria, tendo deixado nesse sentido, obras de fôlego e erudição, sem que, contudo, o problema encontrasse solução definitiva. (TAVARES, 1996, p.110)

Na atualidade, os gêneros literários, especificamente os que se estudam nas escolas, de acordo com Tavares, têm a estrutura classificada em:

Em verso: a) romance ou xácara, b) canção de gesta, c) balada, d) epopeia ou poema épico, e) poema heroico ou narrativo, f) poema herói-cômico, g) poema burlesco, h) poema alegórico ou prosopopáico (fábulas e os apólogos).

Em prosa: a) romance, b) epopeia, c) novela, d) conto, e) crônica, f) anedota, g) fábula, h) apólogo e parábola. (TAVARES, 1996, p.120-121),

Segundo Amora,

os gêneros são unidades que podemos descrever sob dois pontos de vista diferentes, o da observação empírica e o da análise abstrata. Numa sociedade, institucionaliza-se a recorrência de certas propriedades discursivas, e os textos individuais são produzidos e percebidos em relação à norma que esta codificação constitui. Um gênero, literário ou não, nada mais é do que essa codificação de propriedades discursivas. (AMORA, 1973, p.48)

Essas propriedades discursivas específicas, em se tratando da literatura, exigem habilidades de leitura, também específicas, que requerem do leitor a capacidade de lidar com uma lógica, muitas vezes, diferente daquela do mundo real, de perceber ritmo no que lê, de deduzir informações por meio da linguagem metafórica e até mesmo de lidar com situações em que o sentido se torna flutuante.

Especificamente o gênero narrativo, norteador do tipo de texto em análise neste estudo, supõe o entendimento de estruturas básicas que um aluno iniciante do Ensino Fundamental II já domina, como a construção de um enredo simples, no qual interagem personagens simples em um tempo, muitas vezes, indeterminado e em espaços desenhados conforme o imaginário.

3. CONTO DE FADAS: ESPECIFICIDADES

De acordo com as explicações de Nelly Novaes Coelho (2010, p. 75), os contos de fadas remetem a “uma literatura que resulta da valorização da fantasia e da imaginação e que se constrói a partir de textos da Antiguidade Clássica ou de narrativas que viviam oralmente entre o povo”. Vários são os enredos que, repetidos na oralidade por várias gerações, ganham registro nos trabalhos de contistas, como os Irmãos Grimm.

Em sua origem, esse tipo de texto utiliza esses elementos fantásticos para explicitar alguma temática do cotidiano do leitor, como se percebe em Bruno Bettelheim:

é bem verdade que, num nível manifesto, os contos de fadas pouco ensinam sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; eles foram inventados muito antes do seu surgimento. No entanto, por meio deles, pode-se aprender mais sobre os problemas íntimos dos seres humanos e sobre as soluções corretas para suas dificuldades em qualquer sociedade do que com qualquer outro tipo de histórias compreensível por uma criança. (BETTELHEIM, 2012, p. 11-12)

Sendo assim, constata-se que, desde o início dessa produção textual, houve a ligação da fantasia com a temática do mundo real e social, com o intuito de revelar os problemas enfrentados pela comunidade por meio de elementos fictícios presentes. Então, os leitores podem associar sua vida com a de algum personagem que enfrentou dificuldades semelhantes às enfrentadas diariamente por eles.

Entretanto, deve-se questionar o porquê da necessidade de usar elementos fantasiosos para explicar a realidade social. Um dos principais motivos é o fato de a criança não ter maturidade suficiente para interpretar um texto que se apresenta mostrando a dureza e a verdade do convívio da sociedade. Como é desenvolvido por Bettelheim (2012, p.90), “a criança que está familiarizada com os contos de fadas percebe que estes lhe falam na linguagem dos símbolos e não na da realidade cotidiana”, pois, “quanto à própria criança, os acontecimentos reais se tornam importantes pelo significado simbólico que ela lhes atribui, ou que neles encontra”. Assim, os elementos que ultrapassam a realidade contribuem para o acesso ao real, pela criança, a partir do simbólico.

Outra questão importante: quais podem ser os elementos imaginários? Eles são demonstrados pelos personagens, por meio de sua identidade própria. Para explicitar esse conceito, deve-se considerar o significado do termo “fadas” que, de acordo com as explicações de Teles de Oliveira,

vem do latim *fatum* (destino, fatalidade, oráculo). As fadas fazem parte do folclore europeu ocidental (e dele emigraram para as Américas) e tornaram-se conhecidas como seres fantásticos ou imaginários, de grande beleza e que se apresentavam sob forma de mulher. Dotadas de virtudes e poderes sobrenaturais, interferem na vida dos homens, para auxiliá-los em situações limite, quando nenhuma solução natural seria possível. (TELES DE OLIVEIRA, 2011, p.15),

A construção do conto de fadas atrai a atenção do aluno entre 11 e 13 anos, o que é um aspecto importante para sua abordagem em sala de aula. Entretanto, esses discentes ainda não dominam eficazmente os traços de literariedade cujo entendimento se faz essencial para um pleno entendimento do texto literário lido.

4. LETRAMENTO LITERÁRIO

Segundo Magda Soares (2010, p. 65), o letramento “cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais”. Isso demonstra que não é papel da escola apenas alfabetizar, mas proporcionar ao leitor uma leitura em que consiga a compreensão da palavra e da intenção por ela transmitida. De modo semelhante ao de Soares, Ângela B. Kleiman (1995), entende o processo como

[...] um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o Letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática - de fato dominante - que desenvolve alguns tipos de habilidades, [...], e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita. (KLEIMAN, 1995, p.19).

A literatura tem um papel essencial no aperfeiçoamento do leitor, pois ela supõe interação. É o que afirma Rildo Cosson (2009, p.41) quando cita que a interpretação dialoga com o texto de acordo com o contexto, sendo este não só o que se apresenta no interior da produção textual, mas também o utilizado pelo leitor de acordo com o seu conhecimento de mundo.

Desse modo, o letramento literário implica a aplicabilidade da inferência nos textos literários, sobretudo ao se explorar a literatura como uma forma que exige leitores “ativos”, pois se trata de uma escrita peculiar e guiada pela exploração de procedimentos estéticos os mais variados.

Baseando-se no trabalho com o Ensino Fundamental, Cosson (2009, p. 20) sugere que a Literatura tem função de sustentar a formação do leitor, o que é uma consideração pertinente, pois os alunos, nessa etapa de formação, ainda estão imaturos na interpretação desse tipo de textos.

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim e, sobretudo, porque nos fornece, e como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito de linguagem. (COSSON. 2009, p. 30).

Cosson (2009, p. 47) ainda complementa as afirmações acima, ao sugerir que “a literatura é uma prática e um discurso que devem ser compreendidos pelo aluno.” Essa consideração salienta que as obras literárias vão além das histórias dos personagens, requerendo, para seu entendimento, para o letramento literário, uma atenção especial dos professores de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental. Isso porque elas também contêm recursos expressivos da língua ao explorarem diversas dimensões do significante ou mesmo do significado. Jogos de linguagem, ficcionalização, figuras de linguagem são apenas alguns dos recursos estéticos que o leitor precisa dominar bem para uma leitura literária de qualidade.

5. CONTOS DE FADAS PROMOVENDO O LETRAMENTO LITERÁRIO

Como os contos de fadas podem promover o letramento literário nos alunos do 6º e do 7º anos do Ensino Fundamental? Essa é uma das perguntas fundamentais do presente estudo.

É importante ressaltar que os alunos que estão iniciando o Ensino Fundamental II não têm maturidade suficiente para interpretar textos de grande complexidade. Portanto, é necessário que o professor escolha bem o texto com qual trabalhar para, de fato, contribuir para as aquisições de habilidades de leitura do discente.

A literatura infanto-juvenil tem um papel importante em relação ao desenvolvimento da compreensão textual, como é comprovado ao se analisarem os descritores de língua portuguesa. Estes são recursos oferecidos pelo MEC para orientar o professor a trabalhar objetivos específicos dentro do texto. Os descritores D1 e D18, trabalhados no Ensino Fundamental II – especificamente, sexto e sétimo anos – têm a seguinte incumbência: levar o aluno a inferir informações explícitas e a identificar o efeito de sentido expresso pelas figuras de linguagem, respectivamente.

Nesse sentido, sugere-se que o trabalho com o letramento literário seja feito seguindo as orientações desses descritores, pois eles são ferramentas importantes para nortear a tarefa do professor. Para isso, uma exploração que pode estimular a abordagem do estético nos contos de fadas é a descoberta e a análise de figuras de linguagem, que, segundo Domingos Paschoal Cegalla (2008 p.614), são recursos especiais que fazem o texto ter mais intensidade e beleza.

São sugeridos, para análise, dois contos: “A colina dos elfos”, de Andersen, e “A viúva e suas duas filhas”, de Perrault. Estes são autores interessantes de serem abordados pelos educadores com seus alunos do Ensino Fundamental II, destacando o 6º e 7º anos, pois abordam um conteúdo significativo de forma lúdica. Assim, os aprendizes podem se entreter, e, ao mesmo tempo, aprender, devido ao fato de os contos promoverem a reflexão crítica ao proporem a abordagem de formas de pensamentos elaborados, capacitando sua vivência em uma sociedade letrada, como sugerido pelos PCNs (1998, p.24).

A sugestão aqui, quanto ao trabalho em sala de aula com esses dois contos, é que o professor explore a construção, o significado e os efeitos de sentido nas figuras de linguagem presentes em “A colina dos elfos”.

Em “A colina dos elfos”, Andersen narra uma história do rei dos elfos, que vivia numa colina encantada. Ele resolveu dar uma grande festa para apresentar suas filhas aos filhos do trasgo norueguês, criatura mítica e forte. Várias entidades foram convidadas, entre elas, a gárgula da Igreja. Durante a festa, as elfas foram apresentadas aos filhos do velho trasgo. Entretanto, ele as

descartava, pois achava os dons delas perigosos. Quando chegou a última filha do elfo, que tinha a simples (mas não menos envolvente) habilidade de contar histórias, o próprio trasgo se casou com ela, deixando os filhos sem esposa.

Percebe-se a fantasia na obra, elemento que só existe nos contos de fadas, devido ao fato de eles apresentarem criaturas míticas em suas páginas. Os dons de transformação das elfas, como pegar uma varinha mágica e ficar invisível, traços sobrenaturais dos contos, também estão contidos nessa historieta.

Desse conto, destacam-se, a seguir, algumas figuras de linguagem a serem exploradas com os alunos dos anos escolares já citados: personificação, metáfora, onomatopeia, comparação e metonímia, que serão especificadas:

- a personificação, que “é a figura pela qual fazemos os seres inanimados ou irracionais agirem e sentirem como pessoas humanas” (CEGALLA, 2008, p.627), pode ser percebida no trecho do conto, no qual uma lagartixa conta para outra o que havia escutado da minhoca sobre a festa dos elfos (ANDERSEN, 1985, p.139);
- a metáfora, que é o “desvio da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos” (CEGALLA, 2008, p.614), aparece em: “os filhos, porém, vinham de pescoços descobertos e sem suspensório, pois eram verdadeiros Hércules” (ANDERSEN, 1985, p. 142);
- a onomatopeia, “aproveitamento de palavras cuja pronúncia imita o som ou a voz natural dos seres” (CEGALLA, 2008, p.623), está nos seguintes trechos: “as pernas andavam a passos curtos rápidos, plim, plam”, referente às pernas movimentadas pela guardiã dos elfos, e também “brr” e smack (ANDERSEN, 1985, p 143), que são os sons de raiva e beijo emitidos por trasgo na festa dos elfos;
- comparação, que consiste em aproximar pessoas ou coisas, a fim de lhes destacar semelhantes características, visando a um efeito expressivo (CEGALLA, 2008, p.615), encontra-se na comparação da filha caçula do elfo com a lua: “Era tão magra e transparente como um raio de lua”. (ANDERSEN, 1985, p.143);
- por fim, a metonímia, “que consiste em usar uma palavra por outra, com a qual se acha relacionada” (CEGALLA, 2008, p.615), faz-se presente no fragmento no qual os irmãos afirmavam que preferiam beber algumas taças, o que configura uma troca de palavras, pois não se bebem as taças, e sim a bebida nelas contida. (ANDERSEN, 1985, p.145).

O segundo conto sugerido para o desenvolvimento de atividades conta a história de uma viúva que tinha duas filhas, a primeira era amada pela mãe, pois era má e sem caráter, como ela. A segunda (a mais nova) era desprezada, pois havia herdado do falecido pai a beleza, o caráter e a bondade. Como a mais nova era desprezada, era obrigada a trabalhar assim como uma escrava dentro de casa.

Buscar água na fonte era uma de suas obrigações. Um dia, quando estava no poço, apareceu uma mulher velha e pobre, pedindo-lhe água. A menina, que era boa de coração, logo lhe deu um copo cheio. Impressionada com a bondade da menina, a pobre mulher (na verdade, fada) deu-lhe um dom: toda vez que ela falasse, saíam flores e pedras preciosas de sua boca.

Sabendo do acontecido, a mãe também quis essa dádiva para a filha mais velha, mandando-a a ir ao poço para buscar água e vivenciar a mesma situação. Chegando ao local, a menina se deparou com uma princesa, a mesma fada anterior. Entretanto aconteceu o contrário, a jovem negou-se a atender ao pedido e foi amaldiçoada, recebendo o castigo de que, toda vez que dissesse alguma coisa, saíssem sapos e cobras de sua boca.

Após isso, por medo de retaliação, a filha mais nova fugiu de casa, mas encontrou um príncipe, casando-se com ele e sendo muito feliz, enquanto a irmã mais velha ficou sozinha e amarga, cuspidando cobras e sapos.

Esse conto abre espaço para a abordagem de outros aspectos para além das figuras de linguagem, como a presença do simbólico, que se apresenta no trecho quando saem flores e pedras preciosas, e serpentes e sapos das bocas das moças, representando a personalidade de cada uma. Por meio disso, também pode ser observada a quebra da verossimilhança.

A transformação dos personagens, que também é uma característica dos contos, aparece na obra quando a fada se transforma, primeiramente para a moça mais nova, em uma pobre mulher, e, posteriormente, em uma princesa magnificamente vestida. Essas diferenças de transformação foram uma estratégia da fada para avaliar a divergência do caráter entre as duas irmãs.

De acordo com as informações expostas, observa-se que as narrativas em questão, tendo seus recursos expressivos explorados pedagogicamente pelo docente, podem ser ferramentas interessantes para promover o letramento literário dos discentes.

6. PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Tendo em vista a necessidade de se criarem situações que fomentem o desenvolvimento do letramento literário, sugere-se uma proposta pedagógica para o educador trabalhar com suas turmas

dos 6º e 7º anos a partir das figuras de linguagem no conto de fadas “A colina dos elfos”, de Andersen. Segundo Jonilson Pinheiro Moraes,

a interpretação é tida como entrechecimento dos enunciados para a construção do sentido do texto por meio da constituição de inferências dentro de uma interação que envolve autor, leitor, comunidade e contexto sociocultural, por meio de debates e discussões entre os alunos. (MORAES, 2014, p.9)

Para que as inferências exigidas pelo texto literário sejam cada vez mais exitosas e, assim, o aluno progrida em sua habilidade de leitura desse tipo de construção, sugere-se a sequência seguinte de atividades:

1. leitura dramatizada com os alunos;
2. divisão da turma em grupos para a realização de um campeonato de perguntas sorteadas sobre o conto de fadas proposto. Sugerem-se as seguintes perguntas:
 - Qual é o conflito do texto? Por qual motivo, as galinhas e outras aves disseram que a galinha arrancou as penas?
 - Essa história aconteceu do jeito que foi disseminada?
 - Com base na leitura do texto “A colina dos elfos”, qual seria a possível região do mundo em que estaria essa colina?
 - Você consideraria a habilidade de contar histórias como um dom, sabendo que isso foi tido como o maior deles, já que o trasgo se casou com a elfa contadora de histórias?
 - Existe algum elemento fantástico em comum apresentado nos contos “A colina dos elfos” e “A viúva e suas duas filhas”?
 - Considerando a leitura do conto “A viúva e suas duas filhas”, quais foram as atitudes das personagens que levaram cada uma a receber seus dons dados pela fada?
 - Explique a caracterização da fada ocorrida de maneiras distintas e o que ela queria observar de acordo nas atitudes tomadas pelas moças?

O objetivo dessas perguntas é sondar o nível de entendimento dos alunos acerca do que foi lido;

3. localização e análise de figuras de linguagem e outros recursos de linguagem nos contos lidos, ainda com a turma dividida em grupos (lembrando que o professor já deverá ter

trabalhado os fundamentos das figuras de linguagem a serem procuradas pelos alunos no texto);

4. gincana com o sorteio de figuras a serem classificadas ou explicadas, o que pode ser uma forma lúdica de conferência das figuras já localizada pelos grupos.
5. reescrita das figuras de linguagem encontradas na linguagem denotativa e conversa sobre a sua significação e importância dentro da obra.
6. reflexões coletivas sobre a temática desenvolvida no conto e sobre as questões simbólicas.

Com sequências de atividades como essa, é possível que o aluno vá aprofundando sua familiaridade com os traços próprios dos textos literários, ampliando seu letramento literário, bem como sua habilidade de compreensão textual como um todo. Isso porque, por meio da leitura e do estudo do contexto inserido no conto de fadas, os aprendizes podem observar não apenas as figuras de linguagem, como também algumas características dessas narrativas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude de leituras teóricas e análises feitas, confirma-se a ideia de que o letramento literário pode ser realizado por meio dos contos de fadas, tanto pelas características próprias desse gênero quanto pela possibilidade de abordagem lúdica que dele se pode fazer.

Por meio do norteamento dado pelos PCN e descritores, conseguiu-se delinear um caminho que, se percorrido pelo docente, poderá trazer resultados interessantes para o processo de leitura dos alunos, sobretudo, ao destacar as questões estéticas presentes no texto literário.

Quanto ao objeto de estudo – os contos de fadas –, percebeu-se que, por suas temáticas serem atemporais, a realidade desses textos está presente na realidade vivenciada pelos leitores, ou por sua comunidade, o que torna significativo o trabalho a ser desenvolvido pelo professor e facilita a identificação e a compreensão, pelo discente, de informações explícitas no texto. Também é possível afirmar que, pela junção do lúdico com a análise textual, o estudante pode desenvolver progressivamente a capacidade de ler o “não dito”, as entrelinhas do texto, e ir se tornando um leitor autônomo e cada vez mais crítico.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORA, Antônio Soares. **Teoria da Literatura**. 10ed. São Paulo: Clássico Científica, 1973.

ANDERSEN, Hans Christian; Charles Perrault et al. **Reino Infantil**. 5ed. São Paulo: LEPSH, 1955.

----- **Contos escolhidos**. Tradução Pepita de Leão. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

BAKHTIN, Michail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Ática, 2003.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental**, Língua Portuguesa. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília. MEC.SEF.1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

-----, sd. **Matrizes de Referência**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/matrizes-de-referencia>>. Acessado em 16/06/17.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48 ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COELHO, Nely Novaes. **Panorama histórica infantil-juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo**. Barueri, SP: Manoele, 2010.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário/ teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

KLEIMAN, Ângela B. **Os significados de Letramento**. Campinas: Mercado Letras, 1995.

MORAES, Jonilson Pinheiro. **O letramento literário: o incentivo à leitura, à interpretação e produção do texto literário por meio de uma sequência básica**. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2014_1434479140.pdf>. Acesso em 28 maio 2017.

OLIVEIRA, Patrícia Sueli Teles de. **A contribuição dos contos de fadas no processo** - Uneb. Disponível em: <<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-PATRICIA-SUELI-TELES-DE-OLIVEIRA.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2017.

SILVA, Antonieta Miriam de Oliveira Carneiro; SILVEIRA, Maria Inês Matoso. **Letramento Literário na escola: desafios e possibilidades na formação de leitores**, v.01, n°1, Revista Eletrônica de Educação de Alagoas, 2013. Disponível em: <http://www.educacao.al.gov.br/reduc/edicoes/1a-edicao/artigos/reduc-1a-edicao/LETRAMENTO%20LITERARIO%20NA%20ESCOLA_Antonieta%20Silva_Maria%20Silveira.pdf>. Acesso em: 17 maio 2017.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TAVARES, Hênio Últimoda Cunha. **Teoria Literária**. ed. 11. Belo Horizonte: Villa Rica, 1996.